

## LITERATURA E REALIDADE BRASILEIRAS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Admitimos que a Literatura Brasileira, das origens aos dias de hoje, se desenvolve íntima e conscientemente comprometida com a nossa realidade. Por isso, continuamos a considerar válida a observação de José Veríssimo de que a literatura acompanha a formação do Brasil como povo e como nação. Em que sentido? como demarcar e caracterizar o seu processo histórico? A propósito, lembramos outra sugestão de José Veríssimo que lhe distingue duas fases sucessivas: a primeira, correspondente ao período colonial; a segunda, depois da Independência, com a possibilidade de reconhecer entre uma e outra uma fase de transição. Mas preferimos, talvez ampliando e mais nitidamente desenvolvendo a nossa interpretação, reconhecê-la em três momentos definidos: do início da nossa formação à Independência, daí aos pronunciamentos e afirmações de 1922 que marcam, ao mesmo tempo, o princípio da terceira e última etapa.

Evidentemente, essas etapas são delimitadas sob critério histórico e cultural. Pode-se apontar, assim, em tôdas elas, o que resulta de um anseio comum, existente desde os contactos iniciais do europeu com a paisagem americana: conhecimento, identificação e integração, até a formação da consciência da própria nacionalidade. O ponto de partida, portanto, são os momentos cruciantes da posse e do princípio da colonização. Enraíza-se aí, a coordenada unificadora daquelas três fases, conforme o ângulo de visão que utilizemos para a interpretação histórico-literária. Nesse caso, as constantes que caracterizam a nossa literatura são o sentimento lírico alimentado pelo deslumbramento diante da terra, conjuntamente com o impulso épico para a ação e para a aventura. Proporcionam o extravasamento afetivo, as reações sensualistas, a disposição para a luta heróica, estimulam os ideais de expansão da cristandade, é logo mais a concupis-

cência e a ganância. Flutuam entre posições extremas, conciliando, porém, interesses particulares e ideais expansionistas, mas contaminados uns e outros pela euforia transbordante de um sentimento único, alimentado pela consciência da missão histórica do povo português.

O século XVI é fundamental no sentido indicado. Pensemos, então, a Literatura Brasileira, desde as suas primeiras manifestações, na fase colonial, como expressão do esforço de integração do europeu português na América, convergindo para a formação da consciência, da sensibilidade e da imaginativa que traduzem a realidade e o caráter nacionais. Certamente, encontraremos no século em que principia a nossa formação, as raízes dos componentes mais expressivos da definição histórica e estética da nossa literatura, e também do que em grande parte explicará o brasileiro. Daí, porque, conforme veremos, ao chegarmos ao Movimento Modernista de 1922, surgirão escritores agrupados sob o rótulo de "Pau-Brasil", de "Verde-amarelismo", de "Primitivismo", revendo os nossos cronistas seiscentistas.

De fato, o documento de reações dos primeiros portugueses que conheceram a paisagem física e humana da terra "novamente descoberta", a Carta de Pero Vaz de Caminha, deixaria de ter, com os modernistas de 1922, apenas um significado histórico, útil a certos esclarecimentos sobre a presença da armada de Cabral em Porto Seguro, ou provocador de determinadas querelas. Passa a ser valorizado como uma esplendida página da mais espontânea e por isso mesmo legítima criação literária. Comove-nos, o seu lirismo, enquanto traços de um humor rude acentuam um realismo ingênuo. A Carta nos surpreende, sobretudo, como uma página impressionista ao lado do interesse lingüístico que oferece e do que reflete do espírito renascentista português. Impõe-se, desde então, como um documento afetivo cuja vibração hoje e sempre nos atinge, espécie de certidão de batismo moral e psicológica, cremos que já foi dito, do futuro brasileiro. Ainda mais, retomando-se a perspectiva do século XVI, torna-se a medida do que se escreve nesta centúria, a saber, a prosa informativa dos cronistas e a poesia de Anchieta, sob a preocupação comum da integração antes da sobreposição.

Os rumos da história podem ter sido diversos. Mas, o que se apresenta como atividade literária do português no Brasil, condicionada pela realidade que aqui se configura do século XVI ao XVIII, exprime exatamente o anseio de reformular as soluções que o europeu nos trazia com seus valores e ideais de vida. Ao mesmo tempo, esse anseio, atestado literariamente, atenuaria choques, conciliaria conflitos e rivalidades posteriores, até a caracterização do brasileiro. Por isso mesmo é que historiadores e críticos literários não podem deixar de investigar a vida e a criação literária no Brasil, em toda a sua extensão, a partir do século

XVI. É a única perspectiva que permite redefiní-la dentro de um contexto que não é única e essencialmente o do condicionamento português ou europeu de suas fontes originárias. Quanto a esta perspectiva, não importam as divergências de opiniões daqueles que aparentemente a desprezam, até aos que pretendem negá-la e finalmente aos que a valorizam. Caso contrário, não podemos explicar a literatura brasileira — quando ela é dada plenamente caracterizada do romantismo aos nossos dias — como um aspecto expressivo e definido da nossa cultura. O certo é que precisamos mergulhar naquele passado em que os múltiplos aspectos da vida no Brasil se nivelam e se entrosam para o esforço comum que alimenta a realidade que desde então se esboça e procura ser própria e autônoma do ponto de vista da nacionalidade em formação.

Reconsiderando certos pontos básicos indicados, nós entendemos, portanto, que a Carta de Pero Vaz de Caminha lança a coordenada que unifica as três etapas das manifestações literárias no Brasil, focalizadas em confronto com a nossa realidade. E isso, no sentido não só da procura de identificação do homem com a nação mas também da caracterização da própria literatura brasileira. Nasce, dissemos, com o deslumbramento inicial em face das exuberâncias e das promessas de riqueza da terra descoberta, concomitantemente com os ideais expansionistas e colonizadores do português, sob o signo da cristandade. A visão primeira é um flagrante de câmera, sob o impacto da surpresa e da violenta sugestão sensual, contrabalançada pela gravidade da fé e pela presença moral d'El-Rei. Determina-a, em parte, a pressa de uma missão a cumprir, empanando por algum tempo um interesse e uma ação que deviam ter sido imediatas. Do deslumbramento e da comparação, passa-se para a solução do adlamento de propósitos e objetivos colonizadores, enquanto se empresta ao fato histórico da descoberta e da posse o sentimento lírico e épico das conquistas desprendidas. Assim, o que prevalecerá de fato é a visão mítica, como consequência da primeira grande deformação da realidade americana. Dela, jamais nos despreenderíamos, procurando reformulá-la sucessivamente: primeiro, pelo decorrer do século XVI ao XVIII; depois, a partir do Romantismo a fins do século XIX; finalmente, com o Modernismo.

Sabemos que as observações da carta-diária de Pero Vaz de Caminha, datada do ano de 1500, só principiaria a ser revisada algumas décadas mais tarde, quando cronistas portugueses e jesuitas passam a escrever sobre o Brasil com o propósito de informar mais amplamente, para dar a conhecer a terra e despertar interesse pela colonização. Quanto à obra dos cronistas portugueses, o seu maior significado histórico e literário limita-se essencialmente ao século XVI. Já a dos jesuitas se projetaria literariamente como exemplo mais perfeito, com raízes bem lançadas, para uma criação harmonizada com a nova perspectiva de vida, ainda que

esta tenha sido em parte estrangulada por diversas razões políticas e culturais. Mas o que pretendemos ressaltar é o sentimento que gera toda essa literatura informativa de portugueses e jesuítas, e o que dela se desprende, numa bifurcação de atitudes que lutam entre si, até a Independência e mesmo depois da Independência.

De qualquer forma, de cronistas portugueses e de jesuítas, desde Caminha, derivam a valorização comparativista da terra e os primeiros entusiasmos por feitos e acontecimentos históricos que rebateriam no engrandecimento ou na valorização épica do ameríndio, fôsse sinceramente por parte do cronista ou do poeta, fôsse como recurso expressivo para destacar a missão e a glória do colonizador. Por outro lado, a execução do programa cristão e humanístico sugerido na Carta é documentado sobretudo pela obra poética de Anchieta, dramática e épica, com seus autos e seus poemas, um em louvor da Virgem, outro, aliás atribuído a ele, sobre os feitos de Men de Sá. E é assim que o século XVI, sob a inspiração do humanismo e dos ideais cristãos do português, pautados pelo expansionismo, nos daria o deslumbramento e o louvor da terra. Atesta, literariamente, o início do processo de integração de valores, como expressão do sentimento que acompanha feitos e acontecimentos e que alimentaria lendas e tradições luso-americanistas da nossa formação. Seria também o foco de divergências e rivalidades posteriores entre reinóis e brasileiros, desde que eles principiavam a distinguir-se. Eis a razão pela qual as perspectivas que enraizamos no século XVI, não se desdobram harmoniosamente, de maneira a revigorar aquela coordenada nascida com a visão de Caminha. Os componentes complexos que elas sugerem determinam uma bifurcação de rumos, conforme dissemos, mas de qualquer forma coerente com um processo histórico que luta por se dissociar das implicações extra-americanas, para fazer-se americanista.

Do desejo de revelar, informar e mesmo orientar e sugerir, entrevisto na literatura informativa do século XVI, do desejo não simplesmente de transplantar mas de adaptar formas literárias à nova realidade humana e social que aqui se esboçava conforme o exemplo de Anchieta, marcha-se por caminhos que aparentemente indicam uma distorção das metas inicialmente traçadas. Dizemos aparente distorção, porque o que fecundará é a semente primeiramente lançada. Mas, de qualquer forma, serão inevitáveis as lutas para a escolha conveniente ou historicamente justificada. Assim é que, como consequência da bifurcação de rumos, determinada pela distorção de objetivos, a atitude que triunfará é aquela que, da "visão profética inicial", no dizer de Oliveira Lima, nos conduz à identificação e ao amor da terra, à vibração do "sentimento nativista", como etapa primeira do próprio sentimento e da consciência da nacionalidade. A atitude oposta impedirá por algum tempo a afirmação triunfante do chamado

"sentimento nativista", limitando-o à expressão de exaltação dos aspectos materiais da terra, numa visão superlativa. Distancia-nos do equilíbrio do bom-senso e da objetividade, enquanto se faria responsável pelo nefasto ufanismo que se desdobra, em forma requintadamente literária, do cultismo exagerado, de um Sebastião da Rocha Pita ao Conde de Afonso Celso. Simultaneamente, glorifica-se o reinol. É o que consideramos distorção da realidade. Por outro lado, o que se sugere como equilíbrio e justeza no século XVI incidirá num Frei Vicente do Salvador, que se torna ponto de projeção, apesar do interregno que sofre a sugestão fecunda de Anchieta. Então, o que fará distintas para nós as manifestações literárias registradas no Brasil-Colônia é aquilo que nelas se reconhece como expressão desses conflitos de integração, de sobreposição, de contenção de sentimentos novos, englobados sob a expressão conhecida em nossas histórias literárias por "sentimento nativista."

Mas há, também, as consequências especificamente literárias, com seus aspectos lingüísticos e estéticos. E elas devem ser avaliadas, exatamente, dentro do contexto sugerido. Tolhidas as possibilidades lançadas por cronistas e jesuítas, em particular por Anchieta, da criação de condicionamentos adequados à justeza da criação literária com a realidade nova que se configurava, aquilo que se rotularia mais tarde sob a designação de Barroco e de Arcadismo ou Neo-classicismo, do ponto de vista da sua conceituação como estilo e como ideal de vida, pareceria, antes de tudo, ou à primeira vista, uma transplantação para canteiros artificiais, formados com ingredientes igualmente importados. Tudo se fazia em louvor d'El-Rei, à sombra de mandatários, pelo engrandecimento da Metrópole. Quer dizer, a visão da realidade, inspirando a criação, era de fora para dentro. Mas salva-se o que se reflete nela do sentimento nativista que, do século XVI para o XVIII, evolui do estado de deslumbramento e exaltação da terra, quanto às suas possibilidades e aspectos materiais, para a procura do reconhecimento de valores e tradições. Delineia-se, conseqüentemente, a consciência do processo da nossa formação, em que ao lado da missão do português se coloca o papel do índio e do preto, do próprio brasileiro, quando este principia a reconhecer-se como tal. É o que nos sugerem, no século XVIII, a crônica de um Loreto Canto, a épica de um Cláudio Manuel da Costa, a obra de genealogistas como Pedro Taques, Jaboatão ou Vitorino Borges da Fonseca. Enquadrado na frequência dos estilos literários, em que ao Barroco sucede o Neo-classicismo, é preciso salientar, porém, que tudo isso se correlaciona essencialmente com o Barroco. Entre nós, este estilo se impõe verdadeiramente no século XVIII. Alastra-se, concomitantemente em diferentes partes do Brasil-Colônia, com o movimento academicista, o surto arquitetônico, musical, artístico-plástico ligados à vida religiosa, por sua vez intimamente relacionada com a vida política, econômica e social.

Creemos que é indispensável um estudo conjunto dos vários aspectos desse Barroco-acadêmico no Brasil. É o mais legítimo impulso da nossa mentalidade em eclosão, apesar das restrições e contenções ditadas pela política que conduziu a nossa formação até a Independência. Do ponto de vista da história literária, ou cultural, ele é mais importante do que as manifestações isoladas anteriores, salvo o caso de Anchieta, e mais significativo do que o Arcadismo, salvo o que um Cláudio Manuel da Costa ainda exprimiria de barroquismo. Aliás, são estes compromissos do poeta, que explicam, exatamente, o que determinará nêle a formação da consciência crítica da inadequação da expressão neo-clássica à realidade luso-brasileira, ou melhor, americanista. Quanto ao mais, o Barroco é ponto de partida para explicar a nossa arquitetura, música, artes plásticas, para esclarecer a medida originária da nossa mentalidade. É acima de tudo a denúncia do sensualismo que se tornaria um traço característico da nossa criação literária, responsável, por muito tempo, pelos aspectos cultistas da linguagem literária brasileira, no ensaio e na criação. Em suma, o Barroco sintetiza, por convergência e por irradiação, o que caracteriza em atitudes e tendências aquela primeira fase da visão da nossa realidade através do ângulo das manifestações literárias no Brasil-Colônia. É ele nos impulsiona para o Romantismo não só em termos históricos, literários e artísticos, como também pelas preocupações que envolvem a política, a indústria incipiente, a agricultura, a economia, em suma, a vida da jovem nacionalidade a contar da Independência. É sabido, por sua vez, que as características universais do Romantismo harmonizaram-se, numa feliz coincidência, com o momento histórico, para nós decisivo, de conquistas de reservas morais e espirituais, e de ação, necessárias à consciência nacional e ao amadurecimento da nossa mentalidade. O Romantismo, então, se faz nosso, enquanto sofre as limitações determinadas pela preocupação de nos definirmos, de nos reconhecermos, enraizados historicamente no passado, em que avulta o Barroco academicista.

Certamente, do ponto de vista da nacionalidade, toda literatura focaliza os temas sugeridos pelo contexto histórico e cultural em que se situa. Mas, em marcha ascendente para a maturidade, subordina o nacional ao universal, dando ênfase, nesse sentido, à ideologia e à estética do estilo dominante, sem restrições ou limitações de qualquer natureza. No momento decisivo da nossa formação, a primeira metade do século XIX, o que vemos é a limitação do universal pelo nacional, dada a preocupação, historicamente justificada, conforme ressaltamos, de nos conhecermos e de formarmos de nós mesmos, por nós mesmos, a visão da realidade em que nos situávamos. Em sacrifício do universal, triunfa o nacional, ou, acima de tudo, o desejo de definir a realidade brasileira, embora esta definição estivesse sujeita a deformações impostas pela incidência da nossa experiência de país-colônia que fomos, na ideologia romântica, de modo

a provocar exigências de ajustes e de coerência. Nessa conjuntura, as atitudes marcantes seriam a euforia nacionalista, a investigação do social e o sentimento político pautado pelo triunfo da liberdade e dos direitos do homem. O social é a intercessão dessas diretrizes, de tal forma que a sua investigação se faz objetiva e ainda hoje sociologicamente válida. Por isso, talvez, que vários críticos ou ensaístas pretendam entrever realismo em alguns romancistas românticos, quando, na verdade, eles são substancialmente românticos pelo tratamento temático e pela solução dada às teses preferidas.

José de Alencar seria a figura síntese do nosso Romantismo no ensaio crítico de compromissos lingüísticos, estéticos e históricos, e na criação literária. Na literatura indianista, ele retomaria a tradição da fase colonial para a visão mítica e lendária das nossas origens, enquanto os sucessivos conflitos deste momento alimentariam a sua ficção propriamente histórica; no teatro e no romance, nos limites do contemporâneo, sob visão objetiva, a bem dizer realista, sujeito, porém, a teses ditadas pela ideologia romântica, acentuaria o social, em procura dos esquemas definidores da nossa realidade e do nosso caráter, até ao reconhecimento do espírito nacional brasileiro. A sua extraordinária missão histórica está exatamente em não ter partido do marco zero, ou apenas de sugestões da poética romântica e de modelos estrangeiros, mas de ter retomado a perspectiva do passado, em termos de brasilidade, ou, usando a própria linguagem romântica européia, em termos nacionalistas de raízes remotas. Do que Alencar significa ainda hoje, e sempre, preocupado que foi antes de tudo com a criação de um pensamento crítico nosso, de uma linguagem literária brasileira, com a seleção temática também brasileira que se abrisse para o universal, é bastante lembrar que ele lança duas tendências fundamentais do romance brasileiro, dirigidas para a compreensão do contraste fundamental que caracterizava a nossa vida, acentuado no século dezenove. Tal contraste é entrevisto do ângulo de visão da Corte, o Rio de Janeiro, e do ângulo de visão da província, e dele emana o nosso romance social urbano e o romance social sertanista que se faria regionalista, projetados ambos aos nossos dias.

Inicialmente, essas duas tendências ressaltariam, em traços largos, a diferenciação do viver brasileiro de um centro de convergência e irradiação do interesse nacional e da curiosidade estrangeira, isto é, a Corte ou o Rio de Janeiro, dos demais centros provincianos. Apontar-se-iam mudanças bruscas e aceleradas em um e a tendência a estratificação em cutros, da herança cultural e social que nos chegou até a Independência. Conseqüentemente, acentuar-se-iam os contrastes do viver brasileiro, numa perspectiva ampla, avançando-se para as distinções regionais, culturalmente compreendidas em harmonia com as diferenças fisioográficas do país.

Depois da intuição de Alencar, que caracteriza uma posição romântica essencialmente brasileira, enriquecida pelas contribuições de Manuel Antônio de Almeida, de Bernardo Guimarães, de Taunay e Franklin Távora, teríamos a possibilidade de sugestões mais objetivas, na chamada época realista, com escritores como Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Manuel de Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Manuel Benício, Afonso Arinos de Melo Franco. Acrescentem-se, ainda mais, as sugestões poderosas do folclore que passa a despertar grande interesse e do que se escreve neste sentido, até ao momento agudo de maior tomada de consciência da realidade nacional, com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Convergem para esta obra, oferecendo condicionamento para que ela se elabore como um verdadeiro poema épico nacional, os grandes temas da literatura brasileira, em torno da terra e do homem; são retomados aí em suas conseqüências mais avançadas, nas condições que envolveram o processo da nossa formação e ditaram os contrastes flagrantes, de implicações dramáticas ou trágicas, da nossa paisagem social em comunhão com a paisagem física. E ainda mais: a intensa e nervosa vibração sensorial de suas páginas, o barroquismo da linguagem que muitas vezes reelabora o linguajar popular, o cientificismo do século XIX, a preocupação angustiante com uma realidade a ser denunciada e quase que messiânicamente salva. É tudo isso que faz com que esta obra arremate o século XIX, como expressão sintética do seu espírito preocupado com os problemas brasileiros e, ao mesmo tempo, voltado para a grandeza e o respeito universal que inspiram os grandes dramas humanos.

Podemos reafirmar, seguramente, que Alencar, Euclides da Cunha e também o ensaio contraditório e polémico de Silvio Romero, mas este reconhecidamente fecundo e necessário, exemplificam a contribuição mais significativa do século XIX para o arejamento progressivo da maneira de focalizarmos a realidade brasileira. Evidentemente, há nomes também modelares como Machado de Assis e Raul Pompéia, mas que não cabem dentro dos limites das nossas cogitações presentes. São casos em que o humano sobrepuja o social, proporcionando ao universal uma dimensão predominante sobre o nacional, sem prejuízo, contudo, dos compromissos desses escritores com o momento brasileiro em que viveram. Mas fiquemos, por enquanto, apenas com os nomes em foco. A propósito, lembremos ainda o que ocorre em fins do século XIX, quando contamos com a aceleração de mudanças radicais determinadas pela extinção do trabalho escravo, pela decadência do poderio econômico e latifundiário do Nordeste, pela contribuição, em verdadeiros termos de recolonização, do imigrante no Sul do Brasil, com o surto da industrialização, da policultura e da reurbanização cosmopolita. Daí porque, encerrando a perspectiva do século XIX, sobrepõe-se a ela, mas sob a sua inspiração, o terceiro e último momento de compreensão da realidade brasileira, antes, de revisão, com



o Movimento Modernista. Não importa que seus primeiros grandes pronunciamentos públicos datem de 1922 com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, e de 1926, com o primeiro Congresso de Regionalistas do Nordeste, em Recife.

Certamente, a retomada da experiência romântica, desdobrada até Euclides da Cunha, Sílvio Romero e mesmo Graça Aranha, reconhecida em seus compromissos com o nosso passado, oferece a explicação histórica para as posições de Mário de Andrade e de Gilberto Freyre, duas figuras que se impõem no panorama do modernismo brasileiro, ainda que não sejam equivalentes. Ambos, porém, contribuem decisivamente para que o modernismo seja um movimento que revê e reinterpreta, no ensaio e na criação, destacando-se o ensaio em primeiro plano pelo seu sentido inspirador e orientador. As posições críticas assumidas coincidem, preocupam-se com a intensificação das mudanças sociais no sul e no Nordeste, com a decadência do poderio latifundiário e monocultor, com sucessivas revoluções políticas, convergindo tudo para a reformulação da consciência nacional em torno dos seus problemas. Proporciona-se o amadurecimento de mentalidade, favorável à definição nítida de nossas responsabilidades: de justificativas e anseios, passa-se a formar a certeza de um patrimônio a preservar e a enriquecer, sem as oscilações do ufanismo, do bovarismo ou do pessimismo. O que é preciso é dizer objetivamente, sem deformações. Da necessidade de equilíbrio, portanto, em busca da autenticidade da nação, cultural, política, econômica e socialmente, é que se compõe o movimento modernista, publicamente definido em 1922. É certo que a primeira fase da sua existência, fase heróica de lutas e afirmações, foi marcada ora pelo humor e pela blague, ora por polêmicas e debates, contra a excessiva gravidade de opiniões e valores que precisavam ser reconsiderados. Mas logo a seguir o movimento desdobra-se em harmonia, compreensão e esforços paralelos.

Não estamos pensando agora nos inevitáveis compromissos do Modernismo com tendências estéticas e ideologias externas. Procuramos, exclusivamente, a sua explicação dentro dos limites reconhecidos da nossa formação e evolução. É o caso em que ele pode ser considerado uma espécie de neo-romantismo brasileiro, como já dissemos e como já se tem dito, ou do que o Romantismo foi para nós às avessas. Ambas as aproximações são válidas. Restringindo-as ao setor específico da literatura, idênticas polêmicas, idênticas preocupações lingüísticas e temáticas, idênticas retomadas de fontes primárias básicas para o conhecimento do Brasil com reflexos na criação literária e artística. A favor do Modernismo, contudo, distinguimos algumas preocupações que lhe são próprias, ditadas pela consciência crítica de um patrimônio a preservar e de uma realidade a ser compreendida e, se fôr o caso, denunciada objetivamente.

Parece-nos fundamental no Modernismo em função da realidade brasileira, a pesquisa lingüística para a elaboração de uma linguagem notadamente literária brasileira e a ênfase dada à preferência temática que, ainda que viesse sendo limitada pelo nacional, tendia e tende cada vez mais a ganhar interesse e categorias universais. Como diria Machado de Assis, ou como em outros termos disse José Lins do Rêgo, é lutando para sermos nós mesmos que nos fazemos universal; ou não lutando, se aceitarmos a observação, que a propósito fez Sérgio Buarque de Holanda, como ensaísta do Modernismo, de que a arte brasileira talvez nascesse antes da nossa indiferença. De qualquer forma, vemos aí uma das explicações do amadurecimento e da extraordinária riqueza da literatura brasileira, nesses últimos quarenta anos.

Quais as possibilidades que se abriram nos dois setores em foco? Naturalmente, o problema da linguagem ou do estilo literário brasileiro só poderá ser indicado aqui nos seus aspectos mais importantes, correspondentes às fases agudas das soluções propostas. Assim, quem pretender estudá-lo deve pôr em relêvo primeiro Alencar; a seguir, Machado de Assis, Manuel de Oliveira Paiva, Euclides da Cunha; finalmente, Mário de Andrade ao lado de Oswald de Andrade e de Antônio de Alcântara Machado, José Lins do Rêgo, Rubem Braga e Guimarães Rosa. São três experiências sucessivas, quanto à frequência de estilos, isto é, romantismo, realismo e modernismo. Todas elas são marcadas pelo conhecimento de modelos quinhentistas, pela pesquisa em torno da língua portuguesa falada no Brasil, até ao aproveitamento da linguagem popular e do linguajar regional, sem falar nas elaborações artificiais da última fase. O conhecimento do esquema proposto permite-nos, ao chegarmos ao modernismo, explicar três experiências simultâneas e decisivas, a de Mário de Andrade projetada em Guimarães Rosa, a de Oswald de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, e a de José Lins do Rêgo.

Quanto às tendências fundamentais na ficção brasileira, sugeridas pelo romantismo, verificamos que se enriquecem e se aprofundam no conhecimento do regional como caminho certo para a melhor compreensão do complexo da realidade brasileira, e na preocupação com condições humanas, para chegarmos à compreensão universal. São antecedidas pelo ensaio, também se desenvolvem paralelamente com êle, com as discussões sobre o problema da língua, com depoimentos pessoais, memórias e biografias, com o estudo das nossas tradições, do nosso folclore, simultaneamente com a pintura e a música. Desdobrando essa experiência, conquistaríamos autenticidade em outros setores da criação, no teatro, no cinema e nas artes plásticas. Numerosos nomes poderiam ser citados, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, Érico Veríssimo e Viana Moog, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Rui Santos, Guimarães Rosa, Mario Palmério,

Jorge Andrade, Ariano Suassuna, Glauber Rocha, Portinari, Aldemir Martins, de diferentes momentos e regiões. Mas todos eles, citados ou não, exemplificam, com destaque, as atitudes e preocupações nascidas em 1922 e 1926, sob a inspiração fecunda e genial de Mario de Andrade e sugestões de Gilberto Freyre. As mudanças sociais no Sul, como decorrência da imigração, a reurbanização que se faz industrial e cosmopolita, a decadência do patriarcalismo latifundiário, do coronelismo e mandonismo locais, o enfraquecimento do prestígio da mentalidade bacharelesca, o misticismo, o cangaço, as consequências múltiplas ou complexas das secas no Nordeste, a renovação da economia agro-pecuária, são os grandes temas e problemas regionais desta literatura, de alguns teatrólogos, cineastas e artistas. Re-compõem o complexo da realidade brasileira, artisticamente, de maneira a torná-la sentida por nós, por ser expressão legitimamente nossa, e universalmente compreendida, pelo vigor da criação que atinge a maturidade.

São esses, a nosso ver, os caminhos da Literatura Brasileira a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha, fundamentais e legítimos para o conhecimento e a caracterização da realidade que se esboçava e progressivamente adquiria complexidade. Por conseguinte, a Literatura Brasileira, aceita como expressão de cultura nossa, é ao mesmo tempo um aspecto tão importante da formação do Brasil, decisivo mesmo neste sentido, quanto qualquer outro. Várias interpretações lhe podem ser dadas, seu estudo pode ser ditado por outros métodos e orientações, que igualmente admitimos, mas o que se nos impõe como diretriz central é a que acabamos de delinear, sem prejuízo, repetimos, de qualquer outra posição que também aceitamos e adotamos.

## BIBLIOGRAFIA SUSCINTA

- Andrade, Mário de — O Movimento Modernista, Rio de Janeiro, C. E. B., 1942.
- Andrade, Oswald de — Ponta de Lança, S. Paulo, Liv. Martins Editora, s.d.
- Antônio Cândido [de Melo e Souza] — Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos) — 2.<sup>a</sup> ed., rev., S. Paulo, Liv. Martins — Editora, 1964, 2 vols.
- Idem e Castello, José Aderaldo — Presença da Literatura Brasileira (História e Antologia) — S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964, 3 vols.
- Azevedo, Fernando de — A Cultura Brasileira, 2.<sup>a</sup> ed., S. Paulo, Comp. Editora Nacional, 1944.
- Brito, Mário da Silva — História do Modernismo Brasileiro — I — Antecedentes da Semana da Arte Moderna, S. Paulo, Ed. Saraiva, 1958.
- Coutinho, Afrânio — Introdução à Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Liv. S. José, 1959.
- Idem (direção de) — A Literatura no Brasil, Rio de Janeiro, Liv. S. José, vol. I, ts. 1 e 2, 1956; vol. II, 1955; vol. III, t. 1, 1959; (diversos autores).
- Denis, Ferdinand, — Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi de résumé de l'histoire littéraire du Brésil, Lecoq et Durey, 1828.

- Diversos — O Romance Brasileiro — Coordenação e notas de Aurélio Buarque de Holanda, Rio de Janeiro, Edições «O Cruzeiro», 1952.
- Freyre, Gilberto — Interpretação do Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.
- Freitas, Bezerra de — Forma e Expressão no Romance Brasileiro, Rio de Janeiro, Pongetti, 1947.
- Lima, Alceu Amoroso — Introdução à Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Agir, 1956.
- Magaldi, Sábato — Panorama do Teatro Brasileiro, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.
- Magalhães, Domingos José Gonçalves de — «Discurso sobre a história da literatura do Brasil» in Opúsculos históricos e literários, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Garnier, 1864.
- Moog, Viana — Uma interpretação da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, C.E.B., 1943.
- Mota Filho, Cândido — Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional — O Romanismo, S. Paulo, Novissima, 1926.
- Romero, Sílvia — História da Literatura Brasileira, 2.ª ed. rev. e aum., Rio de Janeiro, Garnier, 1902; 2 vols.; 3.ª ed., aum., org. e pref. por Nelson Romero, Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1943, 5 vols.
- Veríssimo, José — História da Literatura Brasileira, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1954 (1.ª ed., Liv. Francisco Alves, 1916).
- Obs.: Somos obrigados a citar nosso trabalho — A Literatura Brasileira — I — Manifestações Literárias da Era Colonial (1500-1808/1836), 2.ª ed. rev. e aum., São Paulo, Editora Cultrix, 1965, porque aí se encontram os fundamentos da síntese que aqui apresentamos, bem como uma bibliografia extensa sobre o assunto.

